

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E IMPACTOS NA FORMAÇÃO CIDADÃ: A EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA NA ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO EM JOÃO PESSOA- PB

Edilane Vitorino Dias ¹
 Luan de Oliveira Sousa ²
 Jacksiel da Silva Maximino ³
 Maria Marta Santos Oliveira ⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas de educação ambiental e seus impactos na formação cidadã a partir da experiência agroecológica desenvolvida na Escola Viva Olho do Tempo, localizada no bairro do Gramame, em João Pessoa-PB. A instituição, de caráter quilombola, baseia sua proposta pedagógica em valores de sustentabilidade, cultura e valorização dos saberes tradicionais. A pesquisa, de natureza qualitativa e abordagem etnográfica, foi desenvolvida a partir de uma visita técnica e de revisão bibliográfica fundamentada em autores que discutem educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Observou-se que a escola adota metodologias participativas e comunitárias que incentivam a autonomia e o protagonismo dos alunos, utilizando práticas como hortas agroecológicas, oficinas culturais e o projeto “O rio Gramame quer viver em águas limpas”, o qual busca sensibilizar a comunidade local sobre a importância da preservação ambiental. Além disso, o espaço escolar se configura como um ambiente de vivência e pertencimento, em que o ensino é mediado pela cultura, arte e pela convivência coletiva. Constatou-se que as ações da Escola Viva Olho do Tempo promovem uma educação comprometida com a transformação social, unindo a ecologia, a cultura quilombola e a pedagogia freiriana na construção de uma cidadania crítica, solidária e ambientalmente consciente.

Palavras-chave: Educação ambiental, Agroecologia, Cidadania, Sustentabilidade, Escola Viva Olho do Tempo.

INTRODUÇÃO

O planeta Terra é composto aproximadamente 30% por terra e 70% de água, maior parte dela sendo salgada, totalizando 97,61%, enquanto a de água doce corresponde a 2,39%, grande parte contida em estado sólido. Sobrando apenas o acesso mínimo desta água doce em rios e lagos (Bueno, 2002). Tal limitação, requer um maior cuidado na preservação e uso consciente de cada pessoa, promovendo um acesso igualitário entre todos, evitando problemas futuros como a falta desses recursos que são tão importantes para o funcionamento de todo o ser vivo. Conectando-se com esse fato, Brito e Câmara (2002), pontua que esses elementos são encarados como uma riqueza e que mal utilizados

¹ Graduanda em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, edilane.dias@aluno.uepb.edu.br

² Graduando em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, luan.oliveira.sousa@aluno.uepb.edu.br

³ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba e Especialista em Geografia Populacional, Urbana e Econômica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo, jacksielsilva079@gmail.com

⁴ Graduanda pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual- PB, martasantos0116@gmail.com



podem causar diversos problemas, como desgaste do solo, escassez de água entre outros riscos que afetam o ecossistema.

Sobre essa visão, a educação ambiental desempenha um papel crucial em meio a esse cenário, conscientizando a população sobre a importância de zelar pelo meio ambiente. Podendo ser aplicada de diversas maneiras, como palestras, plantio comunitário, hortas e em qualquer espaço, especialmente nas escolas, contribuindo na formação de cidadãos mais responsáveis e empenhados com a sustentabilidade. Assim como é feita na escola quilombola Viva Olho do Tempo, localizada em João Pessoa-PB. Por meio de uma visita foi possível observar de perto que além de sua pedagogia voltada para a educação ambiental, todo o seu espaço é caracterizado em aspectos naturais, reforçando a proximidade dos jovens com a natureza.

A escola está localizada na rua Agricultor Carlos Onofre Nóbrega, no bairro Gramame, 4236, na área urbana da cidade de João Pessoa- PB, próximo a pontos importantes para o desenvolvimento de suas atividades sustentáveis, como o próprio rio Gramame.

Em sua organização administrativa envolve grupos de pessoas responsáveis e comprometidas com a escola, para isso elas são divididas em equipe de Conselho de administração, conselho fiscal, diretorias e equipes técnicas. Já na organização física a escola é dividida em dois prédios um abriga a administração a área da cozinha a biblioteca comunitária estudo e o museu, no outro prédio é a moradia da Mestre Doci juntamente com a ala de dança, estação digital e uma minibiblioteca infantil. Logo abaixo de ambas as edificações está o espaço do teatro e o refeitório. A instituição atende a um sistema de turmas caracterizadas por cores verde, azul, amarelo e laranja, onde cada cor representa um nível de escolarização que aquele aluno está.

Segundo o site da Escola Viva Olho do Tempo (ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO, [s.d.]), ela está presente desde 2004, até os dias atuais, realizando projetos e ações que fortalecem os valores culturais das comunidades e saberes tradicionais entre as gerações.

A escola acolhe em média de 130 a 150 crianças e adolescentes que participam das atividades oferecidas pela instituição, todos moradores das comunidades urbanas, rurais, semirurais e quilombolas do Vale do Gramame. Essas atividades apoiam o aprendizado coletivo entre os jovens, seguindo uma abordagem holística de Claudio Naranjo; a Pedagogia Griô, de Lilian Pacheco; a Educação Popular, de Paulo Freire; e a



Educação Ecológica, de Fritjof Capra. Já no contraturno escolar são realizadas diversas oficinas para os jovens, como música, dança, esportes, fotografias e entre outros.

Em relação à educação ambiental, a escola desenvolveu um projeto chamado O rio Gramame quer viver em águas limpas. Este rio, está localizado na região Nordeste no litoral Paraibano, abastecendo 70% de João Pessoa e alguns municípios como, Cabedelo, Bayeux e parte de Santa Rita e das cidades de Pedras de Fogo e Conde, juntamente com comunidades ribeirinhas (Bomfim et al., 2015). Este projeto traz visibilidade a este curso hídrico tão importante para todos, que se encontra poluído e degradado, contando com a participação das comunidades por meio de ações socioambientais voltadas à preservação do meio ambiente. Segundo os professores entrevistados durante a visita, os alunos levam essa mensagem através de apresentações de um grupo musical Tambores do tempo, por jovens com instrumentos, sensibilizando todos a esta causa.

Diante disso, o presente estudo objetiva-se discorrer sobre as experiências vividas de uma visita à escola Viva Olho do Tempo, mostrando a relevância da educação ambiental como uma ferramenta transformadora no pensar e agir do cidadão.

METODOLOGIA

A presente pesquisa teve início após uma aula de campo elaborada por dois professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), realizada no início do ano de 2024, a qual tinha como objetivo mostrar como se dava a educação numa escola quilombola do campo e para o campo. A partir disso, se deu início a pesquisas bibliográficas sobre a questão discutida neste trabalho. Assim, o objeto de estudo para esta pesquisa foi a Escola Viva Olho do Tempo. Destacando as práticas agroecológicas adotadas como forma de ensino para os alunos. Os dados alcançados por meio de uma aula de campo despertaram o interesse em pesquisar e entender melhor o funcionamento do projeto apresentado e criado pela própria instituição.

Dessa forma, para embasamento teórico, foi pensado nas temáticas da sustentabilidade, processos de ensino e aprendizagem e a relação do ser humano com a natureza. Debruçando entre as áreas da Geografia, Pedagogia e Ecologia. A pesquisa foi fundamentada na metodologia qualitativa e etnográfica, tendo como enfoque a reflexão acerca do tema presentes nas obras. Nesse sentido, a análise de obras já existentes, embora limitadas, foi crucial para desenvolver esta pesquisa.



A pesquisa bibliográfica foi realizada com base em autores que discutem educação ambiental, cidadania, sustentabilidade e formação educacional. Dentre eles, podemos citar Arlindo Philippi Jr., Ângelo Serpa, Laura Estêvez, Yi-Fu Tuan, Paulo Freire, bem como além de documentos e informações adquiridos por meio do site oficial da escola. Essa etapa possibilitou compreender os fundamentos necessários e teóricos que sustentam as práticas da educação ambiental e comunitária desenvolvidas na instituição visando uma formação cidadã crítica.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO UM PILAR NA FORMAÇÃO CIDADÃ.

A educação ambiental tem por essência “formar e preparar cidadãos para a reflexão crítica e para uma ação social corretiva ou transformadora do sistema” (Philippi Jr, 2005, p. 03). Ou seja, pensar na educação ambiental, é propor um novo funcionamento do sistema social que conhecemos, bem como (re)educação e (re)visualização desse sistema e dos nossos “espaços vividos” (Serpa, 2019, p. 79) por meio do uso e ocupação do solo urbano de maneira mais consciente.

Desta maneira, suas ações (re)educativas, reflexões e propostas de discussão ambiental entra consonância com a constituição brasileira de 1988, ao qual, o mesmo documento aborda o conceito de desenvolvimento sustentável apontando que;

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (Philippi Jr, 2005, p. 59).

Todavia, muita das vezes, nem sempre esses direitos são respeitados ou até mesmo postos em prática através da aplicabilidade diária como uma prática social comum, ficando apenas no papel, e tornando-se um mero discurso vazio, uma vez que, o discurso difere da prática corriqueiramente.

Diante disso, os componentes da Geografia, Ciências e Biologia surgem como principais vozes no âmbito escolar, trazendo para dentro das salas de aula a pauta da educação ambiental como uma prática pedagógica crítica que traz uma formação cidadã mais completa, uma vez que, promove por meio de debates de sustentabilidade, uma nova forma de nossa sociedade visualizar, manipular e se relacionar com a natureza.

Na Geografia em especial, os fundamentos dessa área de conhecimento, “permeiam as reflexões de ordem ambiental, tão evidente na atualidade, especialmente levando-se em conta a crise ambiental, instaurada no planeta” (Estêvez, 2016, p. 173).



Assim, a unindo (Homem, Sociedade e Natureza) para melhor compreender e proceder no meio que em o mesmo habita e prolifera sócio-espacialmente.

Ao se abordar tal questão dentro do ambiente educacional por meio da Geografia, podemos discutir e abordar a temática através da Geografia Urbana de maneira especial, observando e discutindo como o conceito de (cidade) é pensado, moldado e aplicado na sociedade por meio do cotidiano das pessoas.

No mais, um bom planejamento urbano favorece muito além de apenas no aspecto de morfologia urbana como visto anteriormente, bem como, favorece também no aspecto social e o no campo ambiental, ao qual, além de compor o embelezamento espacial do território, o mesmo também contribui como um aliado na melhora da qualidade de vida populacional, bem como, reflete diretamente no aspecto sócio-espacial como consequência e resultado (Maximino *et al.*, 2025, p. 99-100).

Com efeito, por meio dessa discussão, o cerne da pesquisa se faz, principalmente, nesta seção de educação ambiental e a formação cidadã, uma vez que, ao se trabalhar a educação ambiental por meio da Geografia urbana, podemos compreender como ocorre “a cidade contemporânea” (Vasconcelos; Corrêa; Pintauidi, 2021, p. 07).

Assim portanto, a essência da implementação da educação ambiental advém da iniciativa de propor reflexões críticas em como sanar, ou ao menos, minimizar as problemáticas sócio-espaciais por meio de pautas atuais por meio de um suporte crítico e completar na formação socioeducativa, bem como ocorre com as chamadas (cidades esponjas), ao qual por meio de uma medida (re)educativa, as mesmas buscam um planejamento urbano sustentável e integrativo, de modo a considerar as necessidades de seus habitantes de maneira mais consciente e responsável, que em síntese, comunga e nos faz retornar a uma (re)educação ambiental e integrativa aos ensino da Geografia e sua relação: Homem, Natureza e Sociedade.

PROJETO “O RIO GRAMAME QUER VIVER EM ÁGUAS LIMPAS”

O projeto “O Rio Gramame quer viver em águas limpas” conta com a participação das comunidades locais, os alunos, juntamente com a parceria de órgãos públicos como as instituições Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Faculdade Nova Esperança (FACENE), Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), entre outras instituições de ensino, participando de projetos de extensão, estágios e voluntariado.

O principal objetivo desse projeto é dar visibilidade de forma contínua às questões hídricas e seus desafios a partir de mobilizações e engajamento da comunidade presente,



bem como promover o advocacy junto aos órgãos competentes. Além do mais, visa efetivar projetos e ações voltadas à recuperação e conservação ambiental.

Dessa forma, no projeto “O Rio Gramame quer viver em águas limpas”, destaca-se a participação ativa do grupo de jovens “Guardiões do Rio Gramame”, que realizam o monitoramento da qualidade da água com a contribuição da Fundação SOS Mata Atlântica, onde fornecem dados mensais para o programa Observando os Rios, fazendo também divulgações das ações e atividades de mobilização realizadas pela instituição em relação ao rio Gramame.

A comunidade quilombola, por sua vez, entra como pilar fundamental para o desenvolvimento desse projeto, onde transmite saberes vividos por seus antepassados por meio da agricultura sustentável, segurança alimentar, diálogo e respeito com a natureza. Essa relação é reforçada a partir da escola que atua como ponte entre esses ensinamentos e alunos. Assim, a convivência reforça não só o cuidado com a natureza, mas também com o repasse dos saberes e tradições da comunidade quilombola. Em relação a educação quilombola;

Uma proposta de educação quilombola necessita fazer parte da construção de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas. Isso significa que o próprio projeto político-pedagógico da instituição escolar ou das organizações educacionais deve considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas, o que implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças. Por sua vez, a permanência deve ser garantida por meio da alimentação escolar e a inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com a comunidade, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior. (Brasil, 2012, p. 26)

Dessa forma, a presença quilombola no processo educativo amplia a compreensão sobre a relação entre cultura, ambiente e cidadania, tornando-se exemplo de resistência, preservação e valorização da memória ancestral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a visita à Escola Viva Olho do Tempo, localizada na capital paraibana, os alunos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foram recebidos de forma calorosa pela comunidade escolar. A recepção contou com apresentações musicais realizadas pelos próprios estudantes, o que demonstrou o envolvimento afetivo e cultural que permeia o



ambiente da escola. Esse momento inicial evidenciou o espírito acolhedor e participativo que caracteriza as práticas educativas desenvolvidas no espaço.

A professora conhecida como Mestre Doci, uma das educadoras mais antigas da instituição, desempenha papel fundamental na preservação da memória e das práticas educativas locais. Sua relação afetiva com os alunos e seu conhecimento sobre a história da comunidade reforçam a importância da valorização dos saberes tradicionais na formação cidadã e na educação ambiental.

Figura 1: Mestre Doci



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Foi apresentado o museu da escola, um espaço dedicado à preservação da história e da cultura da região. No local, foi possível observar objetos como uma canoa usada nas vivências do rio Gramame, fotografias de antigos mestres e mestras, baús, armadilhas de pesca e diversas peças artesanais produzidas pela comunidade quilombola. Esses elementos representam a relação histórica entre o homem e o meio ambiente, evidenciando como a natureza e a cultura se entrelaçam na construção da identidade local. Após a visita ao museu, o pátio da escola foi apresentado sob a orientação da professora Penhinha. Os participantes foram convidados a participar de danças tradicionais, fortalecendo os laços entre visitantes e comunidade escolar. Essa vivência corporal e coletiva expressou a importância da arte e da cultura popular como dimensões da educação ambiental e da formação cidadã.

Em seguida, realizou-se uma roda de conversa sobre o processo educativo desenvolvido com as crianças quilombolas. Durante o diálogo, foi possível compreender que a proposta pedagógica da Escola Viva Olho do Tempo valoriza o saber comunitário, o respeito às tradições e a aprendizagem baseada na experiência, elementos que reafirmam o vínculo entre educação e identidade cultural.



Dessa forma, a metodologia abordada e utilizada pela escola reforça o protagonismo dos jovens e crianças, incentivando-as a serem cidadãos transformadores de sua realidade local. Ao introduzir a educação ambiental no contexto escolar, a instituição cria um cidadão responsável e consciente não só pelo meio ambiente como um todo, mas principalmente pelo seu local de convívio e moradia. Nesse sentido, associar o ensinamento com o cotidiano do alunado faz com que o aprendizado aconteça de maneira mais prática.

Durante a visita, um ponto de destaque foi o projeto “O rio Gramame quer viver em águas limpas”, elaborado pelos próprios participantes da instituição, onde apresenta-se como uma ação concreta da educação proporcionada no âmbito escolar, o qual não busca apenas conscientizar os alunos, mas também mobilizar toda a comunidade acerca da conservação ambiental e do próprio rio Gramame. Essa ação favorece a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de compreender a interdependência entre sociedade e meio ambiente.

Figura 2: Rio Gramame



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A agroecologia, por sua vez, se faz presente em todo o espaço aberto da instituição, com suas plantas cultivadas em torno da escola e uma parte da vegetação nativa ao fundo dela. Fazendo com que seja aplicada de forma prática a preservação ambiental. Observando-se assim mais uma ação concreta do que se é visto e aplicado no espaço escolar.

Figura 3: Área verde da escola





Fonte: Acervo pessoal (2024).

Portanto, conclui-se que as ações observadas na Escola Viva Olho do Tempo revelam uma concepção de educação ambiental integrada à vida cotidiana e às práticas culturais. O aprendizado ocorre de forma vivencial, estimulando a sensibilidade, o respeito à natureza e o reconhecimento da herança cultural local. Além disso, o protagonismo dos alunos e o papel dos educadores populares mostram que a educação ambiental pode ser um caminho efetivo para o desenvolvimento da autonomia e do senso de responsabilidade coletiva, bem como uma formação cidadã crítica conforme Paulo Freire propõe no livro *Pedagogia Da Autonomia*. A experiência, por fim, demonstra que o espaço escolar, quando se torna lugar de vivência e significado, amplia as possibilidades de aprendizagem e contribui para a construção de uma cidadania ambiental e solidária.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Eudes Oliveira; GADELHA, Carmem Lúcia Moreira; FILGUEIRA, Hamilcar José Almeida; AMORIM, Jamille Freire; AMORIM, Diego da Silva. Sustentabilidade hidroambiental de nascentes na bacia hidrográfica do rio Gramame no Estado da Paraíba, Brasil. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 27, n. 3, p. 453-468, set./dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Escolar Quilombola: Subsídios para uma Política Educacional**. Brasília, DF: MEC, 2012.

BRITO, Francisco A. CAMARA, João B. D. Democratização e Gestão Ambiental – Em busca do Desenvolvimento Sustentável. Editora Vozes. 3ª Edição. Petrópolis, 2002.



BUENO, Luzia. A água e a vida. In: **Os seis elementos: Água, Ar, Solo, Flora, Fauna, Ser Humano: Trabalhos apresentados.** Curitiba: Secretaria Municipal de Educação, Programa Alfabetização Ecológica, 2002. P. 13–46.

ESTÊVEZ, Laura Freire. **Biogeografia, Climatologia e Hidrogeografia: Fundamentos teórico-conceituais e aplicados.** 1º. ed. Curitiba-PR: Editora InterSaberes, 2016.

FREIRE, Paulo. **Ensinar Exige Criticidade.** In: *Pedagogia Da Autonomia.* 69º Ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro-RJ, 2021.

MAXIMINO, Jacksiel da Silva; OLIVEIRA, Mateus dos Santos; DIAS, Edilane Vitorino; OLIVEIRA, Maria Marta Santos de; SOUZA, Sandylene Silva de. Do direito à cidade, há uma equidade sócio-espacial: uma abordagem de sustentabilidade urbana em Mari-PB. In: BARBOSA, Milton dos Santos; BANDEIRA, Glaucio Martins da Silva; FREITAS, Patrícia Gonçalves de (org.). **Desenvolvimento sustentável: desdobramentos ambientais, sociais e econômicos sobre a exploração do meio ambiente.** Rio de Janeiro: Editora e-Publicar, 2025. v. 2, p. 93-101.

OLHO DO TEMPO ESCOLA VIVA. **Projetos.** Disponível em: <https://www.olhodotempo.org.br/projetos/> Acesso em: 9 ago. 2025.

PHILIPPI JR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação Ambiental e Sustentabilidade.** 3. ed. Barueri-SP: Manole, 2005.

SERPA, Ângelo. **Por Uma Geografia Dos Espaços Vividos: Geografia e Fenomenologia.** São Paulo: Contexto, 2019.

SOBREIRA, Antonio. **Summerhill e um diálogo com escola Viva Olho do Tempo e a pedagogia Griô.** Revista Hipótese, v. 4, n. 1, p. 14-31, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução de Livia de Oliveira. 7. ed. Londrina: EDUEL, 2013.



VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. **A cidade contemporânea: Segregação Espacial.** São Paulo-SP: Editora Contexto, 2021.

